



ATOS DE CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDO: QUANDO UMA AULA ACONTECE?

Andréia Haudt da Silva [*]; Alberto DÁvila Coelho [**]

Este artigo é elaborado a partir de uma revisão da tese de doutorado: *Atos de criação e produção de sentido: Quando uma aula acontece?*, que buscou acompanhar o que pode acontecer quando a aula se desprende de seu papel tradicional de transmissão de conteúdos e se reinventa como território de criação e produção de sentido. Inspirada pelas Filosofias da Diferença, a pesquisa seguiu as pistas de crianças que "dão aulas" e de uma professora que se permite a experiência de ter aulas com seus próprios alunos. Nesse encontro, desenha-se um devir-aula-infantil: uma experimentação sensível atravessada por fabulação, curiosidade e invenção. A partir de três recortes de aulas vividas por discentes, retomados e problematizados à luz da filosofia da diferença, o artigo percorre os sentidos possíveis de uma aula, entrelaçando filosofia, arte e infância. Ao deslocar a docência da lógica da formatação para a do acontecimento, propõe-se a aula como um exercício ético e estético de criação de mundos.

Palavras-chave: Atos de criação. Produção de Sentido. Acontecimento.

ACTS OF CREATION AND MEANING-MAKING: WHEN A CLASS HAPPENS?

ABSTRACT

This article emerges from a review of the doctoral thesis *Acts of Creation and Production of Meaning: When Does a Class Happen?*, which investigated what unfolds when a class moves beyond its traditional role of transmitting content and reinvents itself as a space for creation and meaning-making. Guided by the Philosophies of Difference, the research traced the experiences of children who "teach classes" and of a teacher who allows herself to learn alongside her own students. From this encounter, a *becoming-child-class* arises: a sensitive experimentation shaped by storytelling, curiosity, and invention. Through three selected classroom experiences, revisited and analyzed through the lens of the philosophy of difference, the article explores the manifold possibilities of what a class can be, weaving together philosophy, art, and childhood. By shifting teaching from a logic of standardization to a logic of eventfulness, the study proposes the class as an ethical and aesthetic practice of world-making.

Keywords: Acts of creation. Sense Production. Event.



ACTOS CREATIVOS Y PRODUCCIÓN DE SENTIDO: ACTOS CREATIVOS Y PRODUCCIÓN DE SENTIDO: ¿CUÁNDO SUCEDE UNA CLASE?

RESUMEN

Este artículo surge de la revisión de la tesis doctoral *Actos de creación y producción de sentido: ¿Cuándo ocurre una clase?*, que investigó lo que acontece cuando una clase supera su rol tradicional de transmitir contenidos y se reinventa como un espacio de creación y producción de sentido. Guiada por las Filosofías de la Diferencia, la investigación siguió las experiencias de niños que "imparten clases" y de una docente que se permite aprender junto a sus propios alumnos. De este encuentro surge un *devenir-clase-infantil*: una experimentación sensible atravesada por la fabulación, la curiosidad y la invención. A través de tres experiencias seleccionadas en el aula, retomadas y analizadas a la luz de la filosofía de la diferencia, el artículo explora las múltiples posibilidades de lo que puede ser una clase, entrelazando filosofía, arte e infancia. Al desplazar la enseñanza de la lógica de la estandarización hacia la lógica del acontecimiento, se propone la clase como una práctica ética y estética de creación de mundos.

Palabras clave: Actos de creación. Producción de Sentido. Acontecimiento.

Introdução: Por onde descomeçar

No descomeço era o verbo.

Só depois é que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.

A tese que inspira este artigo propõe um descomeçar. Afinal, dizem que tudo tem início e fim; mas e quando já não importa onde tudo começou? E quando o que importa é o que se passa, o que acontece, o que produz sentido? No trecho extraído da poesia de Manoel de Barros, onde a criança diz: “*Eu escuto a cor dos passarinhos*”, o poeta nos convida a um pensamento que escapa da lógica linear e cronológica. Manoel de Barros abre caminho para uma produção de sentido por meio da poesia, do delírio do verbo, fazendo da linguagem e da infância territórios de invenção.



Propomos, assim, um descomeço que se abre aos acontecimentos de uma aula. Descomeçar, aqui, é um gesto político e estético, um modo de se desviar do caminho esperado, costumeiro, que repete as coisas corriqueiramente do mesmo modo, para, assim, reinventar o modo como se vive a aula: Quando ela acontece? O que, nela, “faz” sentido?

Deste modo, abrimos uma reflexão ancorada nas Filosofias da Diferença, sobretudo em Gilles Deleuze, para pensar a aula não como um espaço reservado prioritariamente à transmissão de conteúdos, à fixação de verdades, mas como acontecimento: um campo intensivo, um território de produção de sentido. Para o autor:

O brilho, o esplendor do acontecimento é o sentido. O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera. Segundo as três determinações precedentes, ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece (Deleuze, 2015, p. 152).

Inspirada por Deleuze, esta investigação compreende que o acontecimento não se reduz ao que acontece - ao fato visível, cronologicamente delimitado, ao "acidente". O acontecimento, diz o autor, é “o puro expresso que nos dá sinal e nos espera”; é o brilho, o **sentido** que emerge do que se passa. Pensar assim é deslocar o olhar da estrutura formal da aula para suas intensidades, para aquilo que, mesmo breve ou silencioso, afeta, transforma, abre uma fresta.

Na aula, o acontecimento não coincide com a exposição do conteúdo ou com o cumprimento de uma sequência didática: ele irrompe no inesperado; no desvio, na criação! E esse acontecimento, para existir como tal, precisa ser compreendido, querido e representado; não no sentido racional ou controlado, mas como algo que se acolhe com o pensamento, o corpo e a linguagem. Assim, perguntar “quando uma aula acontece?” é buscar o que na aula se reinventa e se atualiza como território sensível capaz de produzir sentido.

Costuma-se confundir sentido com significado, como se o sentido fosse apenas uma resposta certa, um termo fixo dentro de uma dualidade. Mas, como lembra Deleuze (2015, p. 40), “o que é significado não é, por conseguinte, nunca o próprio sentido.”

O sentido não reside nas coisas em si, nem se reduz a conteúdos ou definições prontas, fechadas em si mesmas. Ele não se revela como resposta, mas como vibração - algo que



acontece e se produz no entre, no encontro, no modo como nos deixamos afetar. Depois de um acontecimento, já não somos mais os mesmos; algo em nós foi tocado, deslocado, transformado.

Como afirma Zourabichvili (2016, p. 60), “O sentido concerne a uma vontade mais do que a uma coisa, a uma afirmação mais do que a um ser, a uma clivagem mais do que a um conteúdo, a uma maneira de avaliar mais do que a uma significação”. Sem o movimento que produz sentido, o fenômeno se esvazia de potência, tornando-se uma forma sem força, uma presença sem vibração, uma linguagem que já não diz. Portanto, a aula acontece de fato quando esse fluxo de sentido pulsa, ganhando força a partir da interação, da atenção e da disposição afetiva entre alunos e professores; quando a aula deixa de ser guiada só por um conteúdo e torna-se atenta aos acontecimentos que a partir dela e nela surgem.

Deleuze, em seu diálogo com Claire Parnet no *Abecedário* (1997), nos provoca a pensar que uma aula não acontece apenas por espontaneidade ou improvisado. Por isso, não é a ausência de planejamento que este estudo defende, mas sim um tipo de planejamento que mobiliza a ação dos envolvidos na aula; uma aula *querida* pela/pelo docente, no sentido mais forte e afetivo da palavra: uma aula cuidada, acompanhada com atenção, que ganha corpo no encontro com os outros e com o imprevisível. Uma aula que, em sua execução, acolhe também as aparentes coisas sem sentido, os gestos e palavras aparentemente despropositais e sem importância.

Deleuze diz que é preciso preparo e repetição, mas não qualquer repetição, e sim aquela que cultiva o terreno para alguns minutos de inspiração. Ensaiar, nessa direção, não é representar a aula diante do espelho, mas mergulhar na matéria com intensidade, deixar-se afetar por ela, encontrar aí um ponto de fascínio. Como ele próprio diz: “É preciso achar a matéria da qual tratamos, a matéria que abraçamos, fascinante. “[...] É necessário falar de algo com entusiasmo. O ensaio é isso” (DELEUZE, 1997, p. 55). Não se trata de vaidade ou de se achar interessante, mas de um estado em que o docente se conecta com o que diz, a ponto de o dizer tornar-se vivo. Mesmo quando é preciso “se açoitar”, como ele brinca, o que importa é que haja um vínculo vital com aquilo que se comunica. A inspiração não surge do nada: ela é cultivada nos gestos de preparação, no contato contínuo com a ideia.

Corazza afirma que a aula é apreendida pelo próprio processo de ser feita “Aprende-se a pintar pelo olho, não por álgebra; aprende-se a fazer uma aula fazendo-a, pelo coração, pelo desejo, pela vontade de educar” (2012, p. 283). Não há fórmula, nem receita para se fazer uma



aula, aprende-se a fazer aula no próprio processo de fazê-la. Se ninguém pedir e oferecer receitas de como dar aulas, “teremos, talvez, afastado o extremo tédio que cansa a professoralidade e as besteiras disseminadas sobre metodologia, didática, currículo” (2012, p. 284).

É nesse campo de experimentação, onde a aula não é repetição de modelos prontos, mas invenção que se dá no próprio ato, que se inscreve a pesquisa que sustenta este artigo. Realizada em 2021, em uma escola pública do Estado do Rio Grande do Sul, com uma turma de quinze estudantes do quinto ano do Ensino Fundamental, a investigação se valeu de uma abordagem cartográfica para acompanhar acontecimentos de aula nos quais as crianças assumiram o lugar costumeiramente destinado à docente: a frente da sala, enquanto a professora se permitiu ser aluna. Esses momentos, planejados pelas crianças por meio de um convite, emergiram do desejo e da fabulação infantil - crianças que queriam dar uma aula e, ao mesmo tempo, auxiliar o pensamento de uma pesquisadora que se perguntava: o que produz sentido em uma aula?

Ao adentrar esses territórios, observa-se a aula como um campo de forças, de intensidades, de movimentos sensíveis que não cabem nos modelos pedagógicos tradicionais. A pergunta “quando uma aula acontece?” torna-se, assim, um disparador para compor com essas experiências e pensar a docência a partir de atos de criação e produção de sentido. É nesse campo que este artigo se inscreve.

Como em *Alice no País das Maravilhas*, talvez seja preciso correr o máximo que se pode para permanecer no mesmo lugar; pois o lugar da aula, quando acontece, nunca é o mesmo. É lugar de metamorfoses, de quedas em tocas de coelhos onde o tempo se estilhaça e a lógica se curva.

Pensar a aula como acontecimento é aceitar o convite para habitar o imprevisível. É abrir-se ao que escapa do controle, ao que não se encaixa nas metas, às palavras que desajustam, aos gestos que interrompem a ordem do previsível.

O uso de *Manoel de Barros* e *Alice no País das Maravilhas* para pensar sobre *Atos de criação e produção de sentido*, não é apenas literário ou metafórico, é conceitual e poético. Ambos operam como dispositivos de pensamento que ajudam a desorganizar o que se espera da linguagem, da lógica e da experiência.



Manoel de Barros, com sua escuta do delírio e do despropósito, abre espaço para pensar a infância como potência criadora de sentido. Alice, por sua vez, nos convida a entrar em “tocas de coelho” onde o tempo é outro, onde as certezas se desmancham e onde o caminho se faz no caminhar. Juntos, eles compõem um plano sensível nesta investigação, compomos junto às crianças, convidando a docência a se fazer acontecimento, fabulação e invenção. Mais do que ensinar algo a alguém, talvez seja preciso, como nos lembra Manoel, *descomeçar*: “escutar a cor dos passarinhos”, perder o juízo das metas, caminhar com as crianças por trilhas pouco percorridas ou desconhecidas. Talvez seja aí que a aula, de fato, aconteça.

Neste artigo, o percurso se organiza em seis movimentos. No primeiro, “Sentido: um fazer ou um produzir?”, aproximamo-nos das Filosofias da Diferença para pensar o sentido como acontecimento e não apenas como significado. No segundo, “Docência e aula: produção!”, discutimos a docência como gesto criador, atravessado pela atenção e pela invenção. O terceiro, “Quando uma aula acontece?”, abre-se à questão central desta investigação, problematizando a ideia de planejamento e de acontecimento. No quarto movimento, “A máquina de despropósitos: fabricar o imprevisível”, exploramos a docência como campo de invenção, onde fabulação e criação se tornam motores da aula. No quinto, “Atos de criação e docência”, aproximamos a prática docente do fazer artístico, destacando sua dimensão inventiva e sensível. Por fim, em “Considerações criadoras”, não encerramos com conclusões, mas deixamos pistas e provocações que possam reverberar em outros contextos. É nesse percurso, entre filosofia, arte e infância, que seguimos perguntando: quando uma aula acontece?

1. Sentido: um fazer ou um produzir?

Quando dizemos que algo “acontece” numa aula, de que modo esse *algo* produz sentido? O que entendemos, afinal, por sentido? É nesse ponto que a investigação se volta para esse eixo, que constitui um dos elementos centrais deste estudo.

Ao nos aproximarmos da ideia de sentido, é necessário explorar o seu vínculo com a palavra “significado”. Durante a atuação docente, frequentemente ouvimos que o conteúdo da



aula deve “fazer sentido” para os alunos; como se bastasse uma relação de causa e efeito entre ensino e aprendizagem. Porém, essa noção revela uma limitação, pois implica que o sentido está previamente contido no conteúdo e que a função docente é apenas revelá-lo.

As Filosofias da Diferença, especialmente em Deleuze, propõem outro caminho: o sentido como produção, como aquilo que não está dado, mas que se engendra nos encontros. A diferença entre “fazer sentido” e “produzir sentido” é, portanto, mais do que semântica, ela é filosófica e política. O fazer pode estar atrelado à execução de modos a seguir, à fidedignidade de um modelo esperado. O produzir, por sua vez, aponta para a invenção, para a emergência do novo.

De acordo com Scheinvar: “Produzir é o encadeamento de práticas corporificadas material ou afetivamente. Produzir é afetar: propiciar um sentimento, criar um objeto, construir um desejo, fazer um movimento, construir campos de possibilidades” (Scheinvar, 2015, p. 196).

Essa compreensão do produzir como afetação nos aproxima da concepção de sentido como produção e acontecimento. Em *Lógica do Sentido*, Deleuze convida a pensar o acontecimento como superfície onde o sentido se produz. A aula, então, pode ser compreendida como esse campo de superfície onde corpos, vozes, objetos e afetos se entrelaçam; e é nesse entrelaçamento que algo pode fazer sentido, não porque foi compreendido, mas porque foi vivido intensamente.

Produzir sentido é, por vezes, escutar o que não se diz. É acolher o que Manoel de Barros chamaria de “desimportâncias”. Uma folha que voa, uma frase sussurrada, um silêncio prolongado, ... ali também há aula. Ao invés de buscar garantir que a aula “faça sentido”, cabe-nos cultivar as condições para que ela possa “produzir” sentido; o que envolve abertura, escuta, disposição ao risco e à criação. Esse é o convite que este artigo propõe à prática docente: habitar o acontecimento, e não apenas o planejamento. Cultivar o que ainda não se sabe, e não apenas aplicar o que já se tem. Permitir-se com as crianças, experimentar o desconhecido que faz da aula um exercício sempre porvir.

2. Docência e aula: produção!



Pensar a atuação docente a partir de uma lógica de produção, implica revisitar os modos como as aulas têm sido organizadas, planejadas e conduzidas. Na lógica da formatação, a docência atua como operadora de moldes pré-estabelecidos, conduzindo os alunos a resultados previamente definidos. Já na perspectiva da produção, assume uma postura criadora, na qual não apenas aplica métodos, mas se permite ser atravessada pelas forças do presente, pelas demandas imprevisíveis que emergem no encontro com os alunos. O ensino, então, torna-se produção de mundos possíveis, e a aula se afirma como território de invenção.

Como diz Kastrup (2007), não se trata de esperar por uma grande ideia para criar, mas de cultivar uma “atitude de ativa receptividade” que permita às ideias nos acometerem. A aula torna-se, assim, uma prática de atenção e composição, atenta aos encontros, por isso uma aula é bem mais que isso, é: encontro-aula.

Quando Deleuze dizia que para uma aula ocorrer era preciso *preparo e repetição*, mas também *entusiasmo e afetação pela matéria*, ele nos chamava a atenção para o fato de que essa combinação torna a docência não um ato técnico, mas um gesto criador. E como todo gesto criador, ele é frágil, imprevisível, exposto à deriva; talvez alguns professores precisem arriscar-se nessas imprevisibilidades, atentando-se para aquilo que gera acontecimentos e produção de sentido.

3. Quando uma aula acontece?

Em processo final de pesquisa, refleti sobre encerrar o nome dado à tese com uma pergunta: *Quando uma aula acontece?* Ainda que o percurso tenha problematizado e levantado pistas sobre uma aula que acontece, como poderia uma pesquisa em educação afirmar, com segurança: *sigam todos por AQUI!?*

Uma tese que se abre ao acontecimento não aponta um caminho único; ela se oferece como provocação, como convite a pensar com o que escapa, com o que se move, com o que se inventa.

"Tudo que não invento é falso", escreve Manoel de Barros; e talvez seja justamente aí que se inscreve uma outra maneira de pensar o planejamento docente: como ato poético. Inventar aulas, e não apenas cumpri-las. Planejar, não como um roteiro fechado, mas como uma



abertura ao que pode vir. Um planejamento que convida, que escuta, que se arrisca. Um planejamento que, mais do que organizar, faz existir a possibilidade do acontecimento.

Neste artigo, buscamos acompanhar aquilo que, sendo quase imperceptível, pode, ainda assim, nos atravessar como acontecimento. Um gesto, um olhar, uma escuta que suspende o curso previsto da aula e nos convida a habitar um tempo outro — espesso, rizomático, como o tempo em que Alice cai na toca do coelho. Lá, as palavras se embaralham, o sentido escapa, o chão some. E ainda assim (ou por isso mesmo) algo se revela.

Talvez a aula que acontece seja uma queda; como a de Alice. Um convite a se perder criativamente. Como sugere Manoel de Barros, é preciso “desaprender oito horas por dia” para alcançar as desimportâncias.

Nesse contexto, a docência não se deixa aprisionar em competências ou indicadores, ela vive no entre: entre ensinar e aprender, entre planejar e acolher, entre repetir e inventar. Vive no gesto de quem ousa ensinar sem saber exatamente o que virá, de quem se permite ser aluna dos próprios alunos, de quem aposta no que ainda não se pode nomear,...

O que aprendemos, com as crianças, é que uma aula pode ser muitas. Que ela pode não começar e mesmo assim acontecer. Que pode não explicar, mas fazer sentir. Que pode não ensinar, mas abrir mundos. E que, talvez, o maior ensinamento de uma aula seja esse: *deixar-se afetar*. Uma aula que acontece é, então, essa que escapa das grades do currículo, das certezas da prática, dos moldes da avaliação; e, ainda assim, nos ensina a pensar. Não com ideias prontas, mas com perguntas que insistem.

Este trabalho não se encerra com respostas, mas com um chamado: que possamos sustentar, no cotidiano da escola, a coragem de criar. Que possamos fazer da docência um ofício poético, onde pensar é também brincar, ensinar é também errar, e aprender é também se perder.

E que, como Alice, possamos continuar a cair, porque, no fundo, é sempre caindo que se encontra o chão que ainda não existe. Talvez tenhamos muito mais a aprender habitando o chão da escola do que pisando sobre ele. O pisar corriqueiro sabe por onde andar até mesmo de olhos fechados, no contexto da pesquisa que foi realizada desejávamos olhos bem abertos a tudo o que estava por vir.

Foi nesse contexto que surgiram cenas que não cabiam no esperado: uma criança que resolve ensinar; que propõe uma nova forma de dar aula; que compõe com materiais que julgam



interessantes, histórias reais, inventadas e curiosidades,... Esses instantes foram registrados cartograficamente, com atenção às forças que os atravessavam, assim desenhou-se um devir-aula-infantil.

Esse devir não é um conceito definido, mas uma experiência em que a docência se reinventa ao tocar a potência criadora da infância, num encontro entre quem ensina e quem aprende, abrindo frestas por onde a aula escapa à lógica da reprodução. A criança que “dá aula” não está apenas brincando de ser professora, está criando uma possibilidade real de ensinar e, ao mesmo tempo, produzindo sentido para si e para os demais. Quem se deixa afetar por isso não está apenas observando: está aprendendo, está compondo.

É nesse entrelaçamento que a aula acontece: quando não se trata mais de aplicar conteúdos, mas de estar presente ao que emerge. O espaço da sala de aula torna-se um território de invenção. Os materiais comuns: papel, lápis, livros,... tornam-se dispositivos de criação. Os temas do cotidiano das crianças são trazidos com seriedade, e a fabulação ganha lugar como forma legítima de pensar. Nesse contexto, fabular não é mentir: é imaginar com potência, é criar outros modos de ver e estar no mundo.

Quando uma aula acontece, algo muda no tempo. Há uma suspensão da cronologia e um mergulho no tempo do acontecimento. Um tempo espesso, carregado de sentidos, de vibrações. Um tempo que não se mede no relógio, mas na intensidade dos afetos. A aula, então, não é um meio para alcançar um fim, mas um fim em si mesma, um campo de experiência que, quando acontece, transforma todos os envolvidos.

4. A máquina de despropósitos: fabricar o imprevisível

Se a aula, quando acontece, escapa da previsibilidade, o que sustenta essa abertura? Como planejar o imprevisível? Como cultivar um modo de docência que aceite o risco, o corte, o sem forma? É nesse contexto que propomos pensar a docência como uma máquina de despropósitos.

Somos acostumados demais a procurar sentidos fixos, propósitos prévios, significados prontos. “Qual o sentido da vida?”; talvez a mais repetida das perguntas. E é comum também perguntar: “qual o sentido da aula?”, como se ele estivesse oculto e bastasse ser revelado. Mas



e se o sentido não estivesse escondido, e sim em produção? E se ele fosse algo que se fabrica nos encontros, nos desvios, nos gestos aparentemente sem nexos?

Ao contrário de defender a ausência de sentido, a tese na qual este artigo se sustenta, se inscreve na aposta de que o sentido não se antecipa. Ele se cria, se compõe nos atravessamentos, nas afetações, nos bons encontros - aqueles que ampliam nossa potência de existir, e como nos diz Deleuze, inspirado na filosofia de Baruch de Espinosa, os bons encontros entre corpos e pensamentos não apenas ampliam nossa potência de agir e existir, mas também produzem novas formas de subjetividade e conhecimento. Assim, não defendemos a construção de cartilhas com modos de executar aulas que façam sentido, atentamos sim para a necessidade de ver a aula como espaço potente para bons encontros.

Barreto, nos questiona:

O que podem um aluno e um professor em processo de ensino-aprendizagem? Na verdade, ninguém sabe, de modo que nos resta o risco de explorar bons encontros, dispostos a afetar e nos deixar afetar, na direção da alegria que aumenta nossa potência de existir e fazer disso um modo de vida, isto é, um percurso ético. Nada nos parece mais transformador e necessário em um mundo onde as forças contrárias à vida têm insistido em se manifestar, tornando-se tão corriqueiras e banais (Barreto, 2023, p.21).

Pensar a aula como campo de invenção exige que a docência se movimente por uma máquina de despropósitos, e essa máquina é, paradoxalmente, extremamente proposital. Ela não repete modelos; ela inventa modos. Não reproduz o já dado; produz o que ainda não tem nome. Como uma engrenagem intensiva e desejante, ela opera fora das lógicas normativas da eficiência e da previsibilidade. Uma máquina que acolhe as coisas aparentemente sem sentido, as nonsenses coisas, porque o nonsense, nesse contexto, não é descabido, mas dá pistas, abre brechas. Dispositivo de criação.

É essa máquina que faz com que, por exemplo, uma criança possa dar uma aula; que faz com que uma palavra inventada seja mais potente do que a correta; que uma pergunta sem resposta valha mais que a resposta certa. Tudo isso, que à primeira vista parece “sem propósito”, é justamente o que movimenta o pensamento, gera deslocamentos e cria novos sentidos. Faz com que o pensamento se mova buscando relações, compreensões, criação.

Como diz Manoel de Barros: “*O menino era ligado em despropósitos. / Quis montar os alicerces / de uma casa sobre orvalhos.*” O despropósito, aqui, não é falta de sentido, mas um



outro modo de produzir sentido - por delicadezas, desvios e provocações que movimentam o pensamento. Não é ausência de intenção; é a recusa da finalidade pré-fixada. É a recusa do ensino como repetição inócua, da escola como fábrica de respostas certas. Ao contrário, essa máquina é composta por desejos que se agenciam: ela maquina devires, inventa passagens, faz do comum um campo de potência.

Maquinar, em Deleuze e Guattari, é acionar uma máquina que conecta corpos, forças, afetos e ideias, que desmonta e remonta o mundo. Para eles a noção de máquina não está ligada à alienação ou opressão, mas sim ao desejo em movimento; um agenciamento de forças que produz, conecta e inventa incessantemente. É importante destacar esse ponto, especialmente diante do uso pejorativo que, por vezes, se faz do verbo *maquinar*, ou das críticas que nos veem como meras máquinas, submetidas a um ritmo incessante de trabalho. Segundo Silva (2015), “O sentido dos acontecimentos, do mundo e da existência não jaz nas profundezas das coisas, não é dado, ele deve ser inventado, criado. Maquinar é criação de sentido e construção de modos de existir” (p. 153).

Planejar uma aula a partir da máquina de despropósitos não é abrir mão do planejamento, mas reinventá-lo como experimentação. No interior dessa máquina, o tempo não é cronológico. É tempo espesso, tempo de acontecimento, tempo de devires. Como em *Alice no País das Maravilhas*, talvez seja preciso correr o máximo que se pode para permanecer no mesmo lugar, pois o lugar da aula, quando acontece, nunca é o mesmo.

5. Atos de criação e docência

Ao planejar uma aula, é possível criar: compondo com o que se sente, com o que se lê do mundo e do ambiente da própria aula, pode-se também compor com gestos das crianças que se anunciam antes mesmo de serem ditos.

Planejar, assim, vai além da antecipação rígida de conteúdos: é abrir-se ao inusitado, escutar os afetos e deixar-se atravessar por eles.

O fazer docente se aproxima do fazer artístico - um lidar com matéria viva, com o imprevisível de uma aula que nunca se repete. Cada encontro pode ser acontecimento, dobra no tempo, fresta por onde passa algo novo.



Criar, na docência, é experimentar. É abandonar formas rígidas para seguir o traço do que está em movimento. O planejamento torna-se então plano sensível, inclinação à escuta e à invenção coletiva.

Segundo Corazza,

Pensamos que o professor cria — a sério — construindo castelos no ar, como uma criança ao brincar, remetendo-se a um mundo formado por mobilização afetiva e distinto da realidade. Dessas fantasias, não nos envergonhamos, visto nelas haver a realização de um desejo de criação e a retificação de realidade que ultrapassam percepções e formas percíveis. (Corazza, 2019, p. 8)

Longe de ser uma fuga do real, essa invenção que nasce do brincar e da fantasia é, segundo Corazza, uma forma de “retificação de realidade”, ou seja, de reconfiguração sensível do mundo. Criar castelos no ar é um modo de propor alternativas ao já dado, ao instituído. É construir, na linguagem e no gesto, um chão que não se limita à concretude, mas que abre espaço ao inusitado, aos atos de criação e produção de sentido.

Além disso, Corazza nos lembra que nessas fantasias não há vergonha. Isso é importante: em tempos em que a racionalidade instrumental tende a dominar os discursos sobre educação, defender a criação como força docente; mesmo (ou sobretudo) quando ela se apresenta como devaneio - é um gesto político e ético. É afirmar que o trabalho docente não se reduz à reprodução de conteúdos nem ao cumprimento de metas, mas envolve a abertura ao imprevisível, ao sensível, ao que escapa ao controle. É aí que o professor se diferencia de um mero transmissor de informações, quando não se limita a ser uma ferramenta que unicamente repassa um conteúdo.

Diferentemente do Google, que apenas oferece respostas rápidas e indexadas a partir de palavras-chave, a docência opera em outro regime: o do encontro, da escuta, da invenção e da produção de sentido. Enquanto o smartphone e os computadores respondem, quem ensina problematiza; enquanto o algoritmo filtra dados, a prática docente abre caminhos imprevisíveis para o pensamento. O papel do docente não é fornecer respostas prontas, mas criar condições para que perguntas se intensifiquem, bifurquem, reverberem no coletivo da sala de aula.

Quando a docência se limita a prestar informação, corre-se o risco de reduzir a experiência pedagógica a um tutorial. Mas o que está em jogo no ato de ensinar não é apenas a



transmissão de um saber acumulado, e sim a criação de um espaço comum onde o conhecimento possa ser vivido, tensionado, recriado.

A presença de quem ensina não é substituível por dispositivos tecnológicos, por mais sofisticados que sejam: porque não se trata apenas do que se diz, mas de como se está com o outro no momento do dizer. Na sala de aula, o conhecimento não se limita ao conteúdo: ele se dá também nos gestos, nos silêncios, nos desvios, nas perguntas que ainda não sabemos formular. A docência, ao contrário de uma máquina informativa, atua como quem aposta numa máquina de despropósitos, muito proposital para produzir sentido.

A sala de aula pode se tornar espaço de experimentação, não no sentido de um laboratório de fazeres técnicos em artes, mas através de uma tessitura sensível entre quem ensina e quem aprende. Ali, a docência se desenha como prática inventiva, como exercício de presença e de abertura ao que ainda não se produziu.

Na experiência desta pesquisa, a presença da arte e do sensível foi algo que fez parte das aulas e conduziu a escrita da tese. Foi possível perceber que as crianças tinham apreço por aulas voltadas às artes, mas mais que isso, foi possível perceber como aproximavam-se umas das outras pelas trocas que estabeleciam, que envolvia um olhar atento, uma escuta afetuosa,... Era uma turma que compartilhava livros que lia, desenhos que rabiscavam, e que se aproximavam presencialmente e com cautela porque ainda vivíamos a pandemia por Covid-19.

A literatura e a poesia abriram veredas por onde os sentidos podiam escorrer sem precisar de tradução, convocando uma espécie de delírio como forma de pensamento e a infância como lugar legítimo de invenção. Afinal, é inevitável que pareça desproposital e delirante o gesto de convidar crianças a dar aulas; e é, também, um tanto ousado defender as infâncias e suas potências criativas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, algo costumeiramente reservado à etapa da Educação Infantil.

Lembramos que ao considerarmos o processo cartográfico como metodologia de pesquisa consideramos importante que as crianças dessem pistas sobre um produzir sentido. Quando uma aula faz sentido?

A turma recebeu um convite via whatsapp que convidava cada aluno que desejasse para dar uma aula.



<https://www.canva.com/design/DAEtrvQhCt8/8DADbng9-Xlht10cOXYdPw/edit>

Foi surpreendente o interesse das crianças, de 5º ano do Ensino Fundamental, que com dez e onze anos de idade aceitaram o desafio de planejar e dar uma aula para a professora e seus colegas. Ao longo de dois meses as crianças dividiram algo de seu interesse através de uma aula, que era criada por cada uma delas. Era brilhante ver que as crianças encaravam a proposta com desejo de compartilhar algo que lhes era especial, as ideias de aulas destacavam sensibilidade pelos temas escolhidos, configuravam-se como convites à participação e as aulas se revelavam como bons encontros para uma pesquisadora que via o sentido sendo produzido. Nossos encontros eram registrados tanto enquanto ocorriam quanto posteriormente, através de um diário de bordo, que permitia não só registrar mas revisitar os momentos vividos mapeando fluxos que emergiam em cada encontro, capturando afetos, invenções e descobertas das crianças e da professora pesquisadora

Nosso espaço físico era limitado; nossa presença, intercalada. Estávamos em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, com poucos recursos e atravessada por uma pandemia - um tempo caótico e delicado em escala mundial. Ainda assim, compartilhávamos o interesse em investigar: quando é que uma aula produz sentido?

Em Alice através do espelho, Alice atravessa o espelho e encontra outra sala, a sala da Casa do Espelho. Ao trocar de lugar com meus alunos sinto-me como Alice atravessando o espelho e encontrando outra sala, uma sala que embora parecesse a mesma, era outra.



A seguir, divido o relato da primeira aula, que inaugura o encontro de mais nove aulas. Ao todo, dez crianças deram-nos pistas do que produz sentido em uma aula e quando uma aula acontece!

“Eu não sei bem como me sinto do lado de cá, pareço grande demais para estar aqui, entre as crianças. É um tanto apertado (ainda bem que somos poucos na sala) e o melhor: a aula promete ser interessante”.

“As mãozinhas se tocavam, o olhar era levemente ansioso, a postura demonstrava entrega...”

Uma camiseta de Van Gogh e Lis inicia a aula.

Ela começa sua fala, espia na cola, se sente mais segura lendo e lê.

Fala da loucura, de Van Gogh, da orelha cortada, do suicídio,...

As crianças escutam com atenção, olhares entregam surpresa com o que escutam.

Em seguida, Lis fala das obras: Girassóis, A vinha encarnada, Auto retrato da orelha cortada, O quarto e a Noite Estrelada.

Ela convida os colegas a observarem as imagens no notebook... levantam curiosos, olham com atenção, ela mostra as obras, o nome de cada uma.

Isi comenta que Van Gogh tem outra obra, “-Chama: o grito!” diz ela. Elas se olham em silêncio, e pesquisam no Google. “-Não é dele, é outro”. “-Mas se parecem.” “-Verdade” - comentam entre si.

Em seguida, Lis lança a proposta, pede que cada um desenhe uma das obras: “- Escolher uma e fazer uma pintura, pode ser com lápis, com tinta,...”

Cada um pega o que irá precisar. Lápis, tinta, pincel, folha, um pouquinho de água, papel!

Procuro um lugar na sala, evito o da mesa da professora, mas Lis sai da frente da sala e volta para a mesa dela, também desenho, as crianças desenharam, a estagiária auxilia na disposição de materiais,...

Combinação de cores, observação das obras de Van Gogh...

“-Preciso ver os Girassóis” “-Posso ver a Noite Estrelada?” “-O quartinho... deixa eu ver as cores?”



Comentários, observações, investigações, troca,...

Não pode compartilhar material, mas o auxílio é inevitável.

Quando a gente viu, pegou o pincel do outro, ajudou a misturar as cores,...

Surpresas acontecem: “-Acredita! Fui eu que fiz?!” “-Nossa! A cor que eu queria!”

Conversam, se olham, apreciam o que fazem.

“-Posso levar para casa?” perguntam para mim e eu digo: é com a professora Lis...

“-Professora Lis, posso levar para casa?”

“-A gente vai fazer um mural! Tu traz depois ou não quer estar no mural?”

Acordos feitos, e a maioria opta por levar consigo a foto da sua obra.

As pinturas vão secando, acompanhadas por olhares curiosos.

Ao final muitas fotos!

“-Ficaram muito legal! - diz satisfeita a professora Lis.

Diário de bordo em Nov./2021”

Essa aula, conduzida por Lis, desloca o olhar habitual sobre a docência e nos convida a revisitar o que pode ser uma aula. Não se trata de reduzir a docência a uma função acessível a qualquer um, em qualquer momento, mas de reconhecer que há, nas crianças, potências de invenção, de escuta e de partilha que podem inspirar profundamente o trabalho docente. O que Lis nos ensina é que uma aula pode nascer de um desejo legítimo de compartilhar algo que nos atravessa, de uma atenção sensível ao outro e de uma aposta no encontro.

Mais do que um episódio curioso, essa cena se apresenta como acontecimento porque mobiliza afetos, ativa escutas, convoca corpos à criação. É nesse campo de forças, e não no domínio de um conteúdo, que a aula acontece. Os comentários entre as crianças, os gestos que escapam à regra sanitária, as expressões de surpresa e orgulho diante das próprias produções são pistas de que ali algo se produziu: não apenas imagens, mas sentido.

Lis nos ensina que dar aula pode ser um ato poético. Que é possível criar um espaço em que arte, infância e curiosidade coexistem, sem hierarquias, em um campo comum de invenção. Ao permitir-se ser professora, ela não ocupa o lugar da professora tradicional, mas fabula um



outro lugar, outro modo de ensinar. E ao me fazer aluna de Lis, algo em mim também se desloca: docência e infância se entrelaçam, embaralham lugares, embaralham tempos.

Essa aula ensina que o sentido não está dado - ele se produz. E quando se produz, transforma não apenas o que se aprende, mas também quem aprende e quem ensina, ainda que isso nos soe clichê. O que Lis nos ensina é que uma aula pode nascer de um desejo legítimo de compartilhar algo que nos atravessa, de uma atenção sensível ao outro e de uma aposta no encontro, foi este um dos momentos que me mostrou quando uma aula acontece, quando algo é capaz de produzir sentido.

Assim como a aula de Lis, a aula de Aila também junta preparação, desejo e criação.

“- Pessoal! Pedi: - Siri, looks de professora!

E ela me mostrou filmes.”

Assim a Aila vai se posicionando para começar a aula.

Comenta que no dia anterior pesquisou por looks de professora, brinca que é da Ufpel e que seu nome é Cleide.

As colegas perguntam se ela está nervosa, ela ri e respira. As colegas passam a chamá-la pelo seu nome - Aila.

Ela me entrega as atividades que planejou, estão em um plano que diz: Arte com tinta. O exercício número 1- Desenho às cegas, 2- Desenho em dupla, 3- Desenho de um herói.

A professora Aila explica que a primeira atividade da aula consiste em um desenho às cegas, ela pede que cada um feche os olhos para pegar os materiais para desenho.

De olhos fechados as crianças escolhem e ao abrir os olhos uma delas pergunta: “- Pode trocar?” A professora responde que não.

Todos com o material em mãos e a professora Aila diz que no três todos devem fechar os olhos e desenhar no papel, sem olhar!

“- 1,2,3!”

As crianças fecham os olhos, espiam, fecham os olhos um pouquinho, espiam novamente,...

“- Quando acabar o desenho, pode abrir os olhos e ver!” - avisa a professora Aila.

Reações as mais variadas acontecem! “- Ah, tu espionou!” “- Não espiei!” “- Eu dei uma olhadinha...” “- Nossa! Olha o que eu fiz!”



A professora recolhe os desenhos, e em seguida lança a segunda proposta.

Primeiro pede: “- Façam duplas!”

Agora com os lápis que vocês já tinham, vocês vão entrar num acordo para desenhar algo juntos. É um desenho só!”

As duplas vão se formando, experimento uma sensação gostosa, eu e minha dupla olhamos as cores dos lápis que temos e conversamos do que gostamos. Combinamos de desenhar gatinhos ao luar.

Outras duplas também experimentam fazer acordos, algumas vão iniciando e percebendo no que vai dar, mas embarcam juntos, confiando um no outro...

Gatinhos, galinha com pintinhos, desenhos ainda por serem concluídos,... a profe Aila expõe desenhos na parede, olhares nos desenhos, troca de olhares, troca de experiências, troca! Muita troca!

Diário de bordo em Dez./2021

Essa aula foi conduzida de maneira a permitir-se ser atravessada por gestos de escuta, surpresa e invenção. Aila viu looks de uma professora, deu nome para a aula, organizou as propostas em sequência, e ainda assim planejou uma aula sem respostas definidas. A proposição do “desenho às cegas” não era apenas uma dinâmica divertida; era um deslocamento perceptivo, um convite a criar com o que escapa ao controle. O desenho em dupla não era apenas uma atividade colaborativa; era um modo de experimentar o encontro, o imprevisto, a composição, certamente Aila não sabia disso, mas sentia isso.

Aila não apenas propôs atividades, ela ofereceu condições para que algo acontecesse. Suas proposições foram abertas, intensivas, não garantiam respostas, mas desafiavam o pensamento. Como já se discutiu neste texto, o acontecimento está naquilo que afeta, no sensível em nós. E foi justamente isso que essa aula nos ofereceu: uma experiência de docência como criação, como arte de escutar e fazer emergir mundos possíveis, produção de sentido!

Para encerrar, vamos a uma aula querida mas não planejada. Afinal, *quem diria o Ravi dando aula?!*



Quem diria o Ravi dando aula?!

Bem... ele esqueceu que a aula era hoje, mas encarou!

Estávamos conversando... falando que as segundas-feiras costumam ser sonolentas, de preguiça... quando eu comentei: “- Uma aula de Educação Física nos acorda! Preparado Ravi?” “- Ah, é hoje?!” ele me perguntou. “Ao que lhe digo: “- Sim, lembro que tu já sabia o que iria fazer. Vamos nessa?” “- Tá bem!” Ele responde.

Convido-o para separar o material que ele irá precisar. “- Bola, álcool gel, quem quiser pode pegar água”. Ele comenta com a turma que a atividade é um jogo: batatinha frita.

Quando chegamos ao pátio ele se sente um pouco confuso para explicar o jogo, ao notar pouca segurança na proposta que pensou, escuta uma das meninas que diz: “- Três cortas, pode ser?” “- Isso, pode!” responde o professor.

Começam a se organizar e ele explica que são três passes, no terceiro - corta! “- A bola não pode encostar no corpo ou então tem que pegar a bola prá não morrer.”

Iniciamos, jogamos, rimos, eu fujo, estou na final, vibro!

Voltamos a outro começo, jogamos, rimos, fugimos, recomeçamos! Pela regra do jogo só um ganha, mas ao que parece é dia em que todos ganham!

Diário de bordo em Nov./2021

Os cursos de licenciatura ensinam a elaborar planos de aula, a organizar sequências didáticas, a prever etapas. Mas... e quando a aula escapa ao planejado? Quando somos surpreendidos por algo que emerge no momento, sem aviso, sem preparação prévia? A formação docente nem sempre se dedica a pensar na presença inevitável da improvisação — essa dimensão da aula que não se deixa controlar. Afinal, por mais que tentemos dominar o tempo, o conteúdo ou o comportamento, a sala de aula pulsa com o imprevisível.

O professor Ravi, nos ofereceu uma aula que foi além da estrutura tradicional: ele abriu espaço para a criação em ato, permitindo-se compor com o inesperado, com os colegas e alunos. Ao invés de fixar-se em sua proposição inicial, acolheu as intervenções e movimentos do grupo, e, com isso, a aula tornou-se um acontecimento partilhado. A escuta e a entrega do professor geraram condições para que os alunos se reconhecessem como participantes ativos.



A potência da aula, nesse caso, não residiu na fidelidade ao plano, mas na coragem de se deslocar com ele, de seguir os fluxos que surgiram ali.

Na obra *O mestre ignorante*, Jacques Rancière propõe que o papel do professor não é explicar, mas emancipar; criar condições para que o outro pense, mesmo diante do que nos escapa. Isso implica renunciar à superioridade e à centralidade do saber, abrindo-se à relação.

Na aula conduzida por Ravi, foi possível perceber essa postura emancipadora. A centralidade do professor foi cedendo lugar ao encontro com as crianças. A aula foi tecida a muitas mãos. As crianças não estavam ali apenas para ouvir, mas para compor, participar, inventar junto. O professor, ao invés de controlar todos os movimentos, tornou-se parte do jogo: escutou, acolheu, transformou.

A docência, então, não se reduz à performance de quem fala bem ou organiza discursos convincentes. Ela se faz, sobretudo, por meio de uma postura ética e estética que rompe com hierarquias e aposta em processos vivos, nos quais algo pode realmente acontecer, e, ao acontecer, produzir sentido.

6. Considerações criadoras

Mais do que conclusões, este artigo oferece considerações criadoras, pensamentos que continuem em movimento. Neste artigo, buscamos deslocar a compreensão da aula como espaço de aplicação de conteúdos para concebê-la como território de criação, de produção de sentido, de acontecimento.

A pergunta “O que *faz* sentido em uma aula?” se desdobrou em tantas outras: “Quando uma aula acontece?” “Como o sensível atravessa a prática docente?” De que modo se relacionam os atos de criação e a produção de sentido?”; levando-nos a experimentações com as crianças.

As experiências vividas e cartografadas mostraram que a aula acontece no encontro entre corpos, afetos e forças por meio do desejo, de uma aula que antes de ser executada foi desejada, e ali na intensidade da sua execução acolhe dúvidas, saberes, coisas aparentemente sem sentido, despropositais,... Assim, quanto a uma aula, é importante dizer: Não se trata de abandonar os conteúdos escolares, mas de reinventar suas abordagens, permitindo que eles



vibrem com a vida das crianças, com suas perguntas, suas fabulações, seus modos de estar no mundo. O conhecimento não é negado, mas é convocado a entrar em movimento.

A docência requer abertura ao que escapa, coragem para sustentar o não saber, disposição para compor com o imprevisto. Produzir sentido, como vimos, não é garantir significados, mas criar condições para que algo aconteça; e isso implica risco, afeto e presença.

O sentido, entendido como acontecimento, rompe com a lógica da utilidade e nos convoca a afirmar o inútil como espaço de invenção. A aula que acontece não é aquela que cumpre um plano à risca, mas a que se abre àquilo que não estava previsto. É nesse movimento que ela se torna viva, que produz mundo, que transforma.

Se a aula é um acontecimento, ela carrega em si virtualidades que não se esgotam no instante em que ocorre. Cada gesto, cada pergunta, cada silêncio pode reverberar como força criadora dias, semanas ou até anos depois. Como diz Deleuze, o virtual é real, mas não atual; é potência de mundo.

Em tempos em que se espera da escola eficiência, resultados e sentido mensurável, talvez seja preciso defender uma docência movida por uma máquina de despropósitos. Uma máquina intensiva e desejanse, que não se submete a finalidades prévias, mas afirma a beleza do improvável e do descabido; exatamente como fazem as crianças quando se permitem ensinar.

Assim, nos é pertinente *artistar* a aula; criar uma docência que pulsa com a arte: não aquela que repete técnicas ou aplica modelos, mas que improvisa, fabula, compõe com os afetos do instante. A aula como cena, como performance, como obra viva. E o professor, mais do que técnico ou especialista, torna-se um artista do acontecimento.

Quando a aula acontece ela não se esgota no instante vivido, permanece reverberando como virtualidade, uma potência que, embora não se atualize imediatamente, pulsa como possibilidade de criação. Cada gesto, cada palavra ou silêncio guarda em si uma força que pode vir a compor outros mundos. É nesse sentido que a docência se afirma como uma prática desejanse: não desejo de controle, mas de abertura ao que pode vir. Uma docência que, ao mover-se por uma máquina de despropósitos - intensiva, poética, aparentemente sem lógica, recusa a finalidade pronta e insiste naquilo que escapa.

Por fim, desejamos que este texto inspire diversos profissionais docentes a se colocarem como criadores de aulas que não apenas informam, mas que transformam; que não apenas



ensinam, mas que escutam; que não apenas explicam, mas que fabulam. A aula como acontecimento exige de nós um compromisso ético com a vida em sua potência criadora, e é nessa ética do encontro que a educação pode, de fato, acontecer.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Ronaldo de Oliveira. Educação para a potência ou a arte dos bons encontros: três ou quatro notas sobre Espinosa e a educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gM3LyQgTNbP3QCwWXs9LNhw/>>. Acesso em: 13 jan. 2025.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

CARROLL, Lewis. **Alice**. Traduzido por Sarah Pereira. Cotia: Pandorga, 2021.

CORAZZA, Sandra Mara. **Didaticário de Criação: Aula cheia, antes da aula**. XVI Encontro de Didática e Práticas de Ensino, ENDIPE - 23 a 26 de julho de 2012, FE/UNICAMP, Campinas. Disponível em: <<https://sil0.tips/download/didaticario-de-criaao-aula-cheia-antes-da-aula>> Acesso em: 03 nov. 2021.

CORAZZA, Sandra Mara. O direito à poética na aula: sonhos de tinta. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, e240040, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vbryMCqrWWYkVFdQkJH9QnD/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 03 nov. 2021.

DELEUZE, Gilles; CLAIRE. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. - São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

KASTRUP, Virgínia. Flutuações da atenção no processo de criação. In: LECERF, Eric. BORBA, Siomara. KOHAN, Walter. **Imagens da Imanência: Escritos em memória de H. Bergson**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lilian do Valle - 3. ed. 10. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica,



2022.

SCHEINVAR, Estela. Produzir. In: FONSECA, Mara Galli. NASCIMENTO, Maria Livia do. MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SILVA, André do Eirado. Maquinar. In: FONSECA, Mara Galli. NASCIMENTO, Maria Livia do. MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SOBRE A AUTORIA:

[*] Doutora em Educação e Tecnologias - IFSUL/Pelotas – Professora da Rede Municipal de Pelotas e Rede Estadual do Rio Grande do Sul – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5761-0024> - E-mail: hs.andreia@gmail.com

[**] Pós-Doutor em Educação pela UFRGS - Professor titular do IFSUL/Pelotas – ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7700-9108> - E-mail: albertocoelho@ifsul.edu.br

Submetido em: 28 de Junho de 2025.

Aprovado em: 19 de Agosto de 2025.

Publicado em: Junho de 2026.